

# ANAIS DA II JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
PARINTINS - 2018

**Weberson Fernandes Grizoste**  
**(Org.)**

# Anais da II Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>  
[latinitates.weebly.com](http://latinitates.weebly.com)  
[facebook.com/latinitates](https://facebook.com/latinitates)

Arte da capa: Thiago Godinho  
ISBN: 978-85-7883-473-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Universidade do Estado do Amazonas  
Parintins – AM  
2018

# AMAZONIDADES



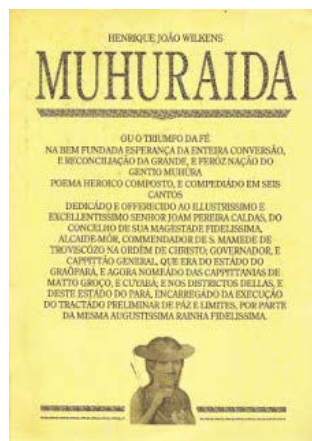
## MURAI DA: TEXTO INAUGURADOR DA TRADIÇÃO LITERÁRIA AMAZONENSE

Francisco Bezerra dos Santos [UEA]

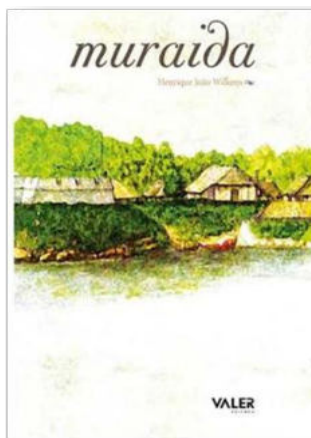
**Resumo:** *Muraida*, texto inaugurador da literatura amazonense se configura como uma obra rica tanto de caráter estético, quanto histórico ao apresentar o projeto de colonização da Amazônia pelos portugueses. Diante do exposto, o propósito desse trabalho é fazer algumas considerações sobre o épico *Muraida* e sua importância para a história literária do Amazonas. As considerações aqui feitas partem basicamente dos estudos de Caldas (2007) e Costa (2013).

**Palavras-chave:** *Muraida*, Colonização, Amazônia, Cânone.

A obra *Muraida* foi escrita em 1785 pelo português Henrique João Wilkens. Na obra o autor busca inspiração nos modelos clássicos greco-latinos e na tradição da épica medieval, mais precisamente na obra de Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, para narrar de maneira grandiosa o ideário colonizador na Amazônia. Abordando a pacificação e a conversão religiosa dos índios Mura, construído em seis cantos, o poema *Muraida* consiste numa obra de composição épica, sendo possível perceber nela os elementos que constituem uma epopeia: dedicatória, invocação, proposição, narração e epílogo (CALDAS, 2007, pg.20).



2ª edição de *Muraida*, publicada em Manaus, 1993.



3ª edição da *Muraida*, publicada em Manaus, 2012.

Dentre muitas possibilidades de interpretação e leitura, o épico *Muraida* revela uma forte vertente de cunho religioso, cuja referência marcante gira em volta do Cristianismo e de seu livro sagrado, a *Bíblia*. Assim, a maneira como *Muraida* se apropria das narrativas bíblicas constitui em si a intenção doutrinária de seu autor (CALDAS, pg.20-21). A *Muraida*, em seu caráter enaltecedor, prioriza a pacificação através da interferência divina colocando sempre o indígena como causador de guerras contra os brancos e outras etnias sem razão, apenas por estarem possuídos por espíritos malignos. Para o professor Marcos Frederico Krüger trata-se de uma narrativa que “apresenta e defende a atuação do colonialismo contra as populações indígenas” (WILKENS, 2012, p.7).

A narrativa ficou por muito tempo no esquecimento e conforme Costa (2013), precisa de um olhar atento sobre sua composição literária, bem como sua marginalização frente ao cânone literário. O poema aborda o encontro entre o indígena e o colonizador, os personagens principais são os índios da etnia Mura, habitantes originalmente do rio Madeira. Como literatura produzida por viajantes europeus, *Muraida* celebra a catequização e pacificação dos índios Mura frente ao projeto de colonização na Amazônia pelos portugueses.

Durante a exploração e colonização da Amazônia os portugueses enfrentaram a resistência de muitos povos indígenas,

entre eles os Mura, descritos por Wilkens como nação irreconciliável. Na obra em apreço isso fica evidente a partir das tentativas de pacificação e catequização dos Mura, a qual a etnia resistiu por mais de cinquenta anos.

O antigo título do poema, *Muburaida ou triunfo da fé na bem fundada esperança da inteira conversão, e reconciliação da grande e feróz nação do gentio Mubura*, traz explícito a imagem do indígena como um ser que precisa se converter a fé cristã. A descrição de selvageria e de seres primitivos é percebida na maior parte das descrições de Wilkens, possivelmente para convencer da necessidade de catequização da etnia como se observa no fragmento abaixo:

Nas densas trevas da gentialidade,  
Sem templo, culto ou rito permanente,  
Parece, da noção da divindade,  
Alheios vivem, dela independente  
Abusando da mesma liberdade,  
Que lhes concede esse Ente Onipotente,  
Por frívolos motivos vendo a Terra  
Do sangue tinta, de uma injusta guerra.  
(WILKENS, 2012, p.32).

A literatura brasileira sempre esteve atrelada aos modelos portugueses, *Muraida* não é diferente, escrita por um militar português que busca inspiração na maior obra da literatura portuguesa. *Os Lusíadas*, de Camões. Embora seja ambientada na região amazônica e possuir elementos dessa cultura, a expressão literária, que se manifesta no épico de Wilkens, reflete a visão etnocêntrica do colonizador português (COSTA, 2013, p.55).

Na obra *Poesia e poetas dos Amazonas*, organizada por Tenório Telles e Marcos Frederico Krüger, *Muraida* figura como a primeira obra amazonense por sua qualidade estética e importância histórica. Tendo em vista que o autor da obra em questão não é do Amazonas, e sim de Portugal poderia ser questionada sua participação no cânone literário amazonense, no entanto, o que justifica sua inclusão é a atuação literária em terras do Amazonas. Na visão de Márcio Souza (2003, p.34), João Wilkens investido de poeta inaugurou nossa tradição literária de maneira significativa “louvou a subjugação da nação Muhra pelas tropas portuguesas, criando uma poesia do genocídio”.